

O FENÔMENO DA PAUSA NA CORRELAÇÃO FALA-ESCRITA

THE PAUSE PHENOMENON IN THE RELATIONSHIP BETWEEN SPEECH AND WRITING

Maria Cecília Mollica
UFRJ/ CNPq

Hadinei Batista
UEMG

Daillane Avelar
IFES

Resumo: O artigo tem como foco refletir sobre o contínuo fala-escrita em relação a aspectos prosódicos e sinais gráficos da pontuação em fronteiras de constituintes sintáticos. Metodologicamente, a pesquisa é de caráter quantitativo e variacionista, tomando como variável dependente a ausência versus presença de pausa nas modalidades oral e escrita no intervalo V/SN2. Os corpora da pesquisa são de conversas espontâneas do C-oral Brasil e de produção textuais da amostra Sabere, ambos com dados de informantes com 18 anos incompletos. Os dados revelam convergência de parâmetros melódicos e rítmicos no contínuo fala-escrita, assinalando a importância em considerar aspectos prosódicos no ensino dos sinais gráficos da pontuação na educação básica.

Palavras-chave: unidade informacional, pontuação, prosódia, educação.

Abstract: *The article focuses on reflecting on the continuous speech-writing in relation to prosodic aspects and graphic signs of punctuation in syntactic constituent boundaries. Methodologically, the research is of a quantitative and variationist character, taking the absence of pause versus pause in the oral and written modalities as a dependent variable. The corpora of the research are of spontaneous conversations of the C-oral Brazil and of textual production of the sample Sabere, both with data of informants with 18 years old incomplete. The data reveal the convergence of melodic and rhythmic parameters in the continuous speech-writing, highlighting the importance of considering prosodic aspects in the teaching of graphic punctuation marks in basic education..*

Keywords: *informational unit, punctuation, prosody, education.*

COLOCAÇÃO DO PROBLEMA

A linguagem oral e a linguagem escrita diferem em muitos aspectos. Já se sabe que possuem características próprias, conforme Marcurschi frisa em vídeo disponível na web¹, de modo que não se procede afirmar que a escrita é mera representação da fala.

Para Barbosa (2019, p.37):

A prosódia é o componente de nossa fala que organiza nossos enunciados, moldando nossa maneira de falar através do concurso de modificações articulatórias que se manifestam acusticamente em unidades prosódicas. Essas unidades organizam a nossa fala em níveis que vão da sílaba ao enunciado entoacional.

Proeminência e segmentação são dois aspectos importantes da prosódia para a pesquisa linguística, uma vez que (a) a fala conta com recursos para colocar em relevo e destacar as unidades informacionais e (b) há relação entre presença, valor e função de um parâmetro prosódico. Proeminência se relaciona a foco e ênfase que podem incidir sobre a informação nova, recorrente e ou em contraste.

A complexidade como os parâmetros prosódicos ocorrem e se conjugam é percebida pelo falante. O ritmo fornece indicadores para se verificar, por exemplo, mudança de estilo (conversa espontânea, leitura), de gênero (narração, comentário), de nível de formalidade, de atitude dos sujeitos em relação às manifestações da língua. Segundo Barbosa (2019: 45), os parâmetros prosódicos “contribuem para a percepção de agrupamento e de unidade do sintagma entoacional, a presença de pausa silenciosa e/ou alongamento de segmentos acústicos que antecedem a fronteira dessa unidade prosódica”.

De acordo com Chafe (1987), o processamento verbal falado se dá em unidades de informação organizadas pelo falante. Os referentes se mantêm no foco da consciência e são instanciados linguisticamente à medida que se queiram ressaltados ou não ressaltados no discurso. No entanto, supõe-se haver um limite de informação que uma pessoa pode reter na memória de curto prazo. A noção é relevante para o tratamento do fluxo da fala e da sua representação na escrita, bem como para a descrição e o entendimento das partes do discurso que, por vezes, podem se apresentar sem nexos, separadas ou abreviadas por pausas e interrupções.

Bechara (2004, p. 604) explica que a pontuação é constituída por diversos traços: vírgula, ponto-e-vírgula, ponto-final, exclamação, interrogação, dois-pontos, aspas, travessão, entre vários outros que concorrem tanto para a organização das ideias na tecitura textual quanto para diferenciar tipologias gráficas, isolar citações, separar atos de fala (perguntar, afirmar, exclamar), dentre outras finalidades. Bechara argumenta que os diacríticos se submetem à subclassificação, na medida em que também indicam pausa conclusa (ponto-final, exclamação, interrogação, reticências) e pausa inconclusa (vírgula, dois-pontos, travessão). Desse modo, as atividades linguísticas de escrita

1. <https://www.youtube.com/watch?v=UqSfGyR1ERA>

apresentam instâncias diferentes quanto à função dos diversos sinais de pontuação. Bechara (2004, p. 605) classifica as atividades em três domínios:

- a) Da palavra: domínio do emprego de espaço em branco, de maiúsculas iniciais, pontos abreviativos, hífen, itálico, negrito.
- b) Da sintaxe: domínio da organização das ideias em nível sintagmático e de seus efeitos discursivos (ponto-final, vírgula, exclamação, interrogação, etc.)
- c) Do texto: domínio da organização da tessitura textual para além do enunciado.

O bom entendimento de um texto escrito perpassa obrigatoriamente pelos níveis descritos em (a), (b) e (c). Para Bechara, um enunciado escrito não constitui mero amontoado de palavras e orações desprovido de quaisquer princípios gerais que regem sua compreensão/função comunicativa. Os sinais de pontuação procuram garantir contornos rítmicos e melódicos, de forma a manter certa solidariedade entre sua composição sintática e semântica. De outro lado, a fala é também regida por princípios rítmicos e melódicos para fins de viabilizar a interface sintático-semântica, porém os recursos são de outra natureza: pausas, não-pausas, hesitações. Para ilustrar, Bechara oferece os seguintes exemplos:

- i) Não podem atirar!
- ii) Não, podem atirar!

Na escrita, a vírgula assinala uma diferença importante entre (i) e (ii), pois segmenta elementos na cadeia sintática cujos efeitos semânticos são opostos. Quando lemos os enunciados, somos forçados a inserir, em ambas as unidades melódicas e rítmicas, parâmetros prosódicos que nos permitem diferenciá-los. Tais unidades correspondem justamente aos recursos prosódicos que possuem contraface da pontuação empregada no texto escrito. De acordo com essa lógica, os sinais de pontuação não são sempre recursos particulares da escrita; eles mantêm relação com traços prosódicos da fala, tal como a pesquisa em Prosódia vem compreendendo.

Assim, neste artigo, tomamos (b) como objeto de análise, entendendo-o como o domínio sintático da pontuação na modalidade escrita em comparação com a segmentação prosódica na modalidade falada. O contínuo fala-escrita já foi bastante descrito na literatura sobre gêneros textuais (MARCUSCHI, 2001) e sobre traços típicos da fala, especialmente quanto ao uso de marcadores discursivos tipicamente interacionais, de efeitos hesitativos e de prenúncio de truncamentos. Sem dúvida, há muito ainda para se conhecer a respeito do contínuo pontuação-pausa.

É nesse escopo que a presente investigação busca trazer contribuições, com especial atenção para o ensino da pontuação na educação básica. No âmbito do ensino de língua portuguesa, acreditamos que abordar os três domínios, descritos anteriormente de forma sucinta, possa contribuir para a redução do insucesso dos aprendizes na construção de lectoescrita bem sucedida. Cada domínio possui especificidades e depende do nível de letramento em que o aprendiz se encontra.

Contudo, o trabalho com domínios não é assim compreendido nas diretrizes oficiais da

BNCC em relação à pontuação. Dentre as habilidades previstas no documento, a orientação é dirigida para o ensino de um sinal de pontuação específico ou para a correlação entre todos os níveis sem qualquer distinção (BNCC, 2017, p. 99):

EF02LP01- Utilizar, ao produzir o texto, grafia correta de palavras conhecidas ou com estruturas silábicas já dominadas, letras maiúsculas em início de frases e em substantivos próprios, segmentação entre as palavras, ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação.

Pergunta-se: o insucesso dos aprendizes quanto à pontuação dos textos não decorreria da ausência de sistematicidade na abordagem da pontuação nos domínios até então discutidos? A pontuação, no domínio da sintaxe, é de fato descontínua em relação aos aspectos prosódicos da fala, conhecida e dominada pelo aprendiz? A convergência fala-escrita quanto a traços melódicos e rítmicos e a sinais gráficos da pontuação constitui uma via de aprendizagem do sistema de organização e planejamento textual nas práticas de letramento escolar?

Na busca de atender a algumas das indagações levantadas, o foco do presente estudo recai sobre a presença versus a ausência de pausa em fronteiras sintagmáticas entre o verbo e seu complemento na modalidade falada e escrita. O propósito é o de verificar em que medida aspectos prosódicos são convergentes e divergentes, no domínio da sintaxe, considerando-se produções orais e escritas de jovens em idade escolar. Os casos em relevância são exemplificados em (1), (2) e (3) a seguir:

- (1) As redes sociais viciam as pessoas. (Amostra sabere)
- (2) Você pegou a sacola dele. (C-Oral Brasil: amostra under 18 anos)
- (3) (...) de repente soltou / o enxame aí. (C-Oral Brasil: amostra under 18 anos)

De acordo com as pesquisas na interface prosódia e sintaxe, é previsível a não congruência entre constituintes prosódicos e sintáticos. A sentença (3) ilustra como um evento de silêncio pode ocorrer no interior das unidades sintagmáticas, sem, no entanto, sugerir quebra de pensamento. Já (1) e (2) atestam congruência sintática entre os constituintes de distintas naturezas discursivas, dado que (1) é extraída de amostra de escrita e (2) de fala.

Assim, a investigação empreendida e exposta neste artigo almeja contribuir para uma reflexão capaz de estreitar a relação fala-escrita quanto a aspectos de pontuação, com foco na fronteira sintática entre Verbo e Sintagma Nominal posicionado na ordem VO². Visa ainda defender a inclusão sistemática do ensino da pontuação nas práticas de letramento como forma de superar o fracasso escolar no que tange à organização e ao planejamento dos textos dos aprendizes.

2. V – Verbo; O – Objeto. VO – relação sintática entre verbo e objeto.

OBJETIVOS E PRESSUPOSTOS

Aceitamos o desafio de analisar os signos da fala e da escrita como próprios, uma vez que entendemos as contrapartes modalidade oral/modalidade escrita como subsistemas linguísticos. Os pressupostos são os seguintes:

- 1) o sistema da fala marca prosodicamente as fatias informacionais que não são necessariamente unidades sintagmáticas;
- 2) o sistema de escrita tem recursos para operar o estabelecido em (1), que não constitui reprodução nem automática nem necessária do processamento da fala;
- 3) os signos de escrita possuem recursos que nem sempre são os previstos pela tradição gramatical entre a opção de marcar ‘pausa’ e ‘melodia’.

Supõe-se, pois, haver uma prosódia oral e uma prosódia visual de tal forma que seja previsível a existência de recursos que destacam os sintagmas e de estratégias para sinalizar as reparações, as hesitações, as mudanças de rumo, as correções e rotas de pensamento do processamento gramatical. Pode-se, assim, defender uma prosódia visual na escrita espelhando a prosódia da fala, antevendo-se que:

- a) Nos anos iniciais de letramento, os escreventes tendem a usar os signos de escrita seguindo os parâmetros prosódicos de pausa e ritmo.
- b) Os escreventes com pouco domínio dos signos de escrita podem servir-se de recursos retóricos de modo a destacar sintagmas tópicos, por exemplo, ou em relevo e em contraste.
- c) No curso da escola, é natural que os mais letrados atendam à “prosódia gramatical”.
- d) Paulatinamente, introduzem-se também as diretrizes de pontuação postuladas pela tradição gramatical, que leva em conta, além de alguns indicadores prosódicos da fala, os parâmetros gramaticais que estruturam as relações de dependência entre as unidades sintagmáticas e as unidades sentenciais.

Contudo, o processo de escolarização não tem se mostrado como garantia de compreensão efetiva e de uso competente dos signos de escrita. Faz-se necessário, portanto, conhecer alguns dos motivos que levam o falante a falhar nos registros de escrita em conformidade com o esperado.

EVENTOS DE SILÊNCIO E PONTUAÇÃO

Chafe (1974) entende que a fronteira de uma unidade entoacional pode ser identificada no contexto sintático em que haja alternância entre vocalização e evento de silêncio. Nos termos de O’Connell, D. C. & Kowal, S. (1983, p. 221), a pausa é entendida como um período de inatividade vocal de certa duração que pode desempenhar diversas funções, como operar o planejamento sintático ou cognitivo. Marcuschi (JUBRAN, 2019, p. 49-68) levanta argumentos para sustentar a tese de que certos silêncios, identificados como pausas, podem ter efeitos hesitativos nos casos de interrupções

não previstas pela sintaxe ou fluxo respiratório. De acordo com a tese, a descontinuidade sintática não mantém correlação direta ou dicotômica com fluência discursiva, de modo que os fenômenos de pausa no interior de constituintes, como no caso verbo-objeto (V-O), não correspondem forçosamente a algum nível de disfluência na fala, antes pode configurar-se como mecanismo cognitivo de processamento online de formas e conteúdos. Retomando os exemplos (1) e (2), verifica-se a ausência de silêncio como fenômeno de pausa no interior do constituinte (VO). Em (3), observa-se a interrupção no fluxo da fala entre o verbo e o objeto por meio da pausa, cujo emprego tem clara funcionalidade no processamento lexical/informacional em que se faz a seleção do argumento do verbo ‘soltou’.

Parte-se do entendimento de que existe um limite de informação que o falante pode reter na memória de curto prazo (CHAFE, 1980, p. 1985). A noção é relevante tanto para o tratamento do fluxo da fala e da sua representação na escrita, como para a descrição e o entendimento das partes do discurso que podem se apresentar, por vezes, sem nexos, separadas ou abreviadas por pausas e interrupções. Observe-se, a título de ilustração, que os elementos de fronteira sintagmática, seja no interior de sentenças simples, seja nos limites intersentenciais, seja em truncamentos, atentam para a alternância de elementos nas fronteiras em que se verifica o efeito de fatores que favorecem ou desfavorecem a emergência de pausas preenchidas inclusive entre verbo e o objeto. Assim, nos casos de deslocamento, tão amplamente explorados no ensino de pontuação, como a vírgula, vale ressaltar as alternâncias VO e OV, cujo deslocamento sofre adequação às normas prescritivas. No site ‘Ciberdúvidas da Língua Portuguesa’³, estão listadas as seguintes orientações:

I- Com o complemento direto deslocado para o começo da frase (topicalizado), a vírgula não é obrigatória, quando há inversão do sujeito:

(1) «O livro deu-lhe ele.»

II- A vírgula torna-se necessária em situações em que o complemento direto topicalizado é seguido pelo sujeito ou retomado por um pronome:

(2) «O livro, ele deu-lhe.»/«O livro, deu-lho ele.»

III- Depois do complemento indireto topicalizado, retomado ou não por um pronome pessoal, convém que ocorra também uma vírgula, sobretudo quando a frase tem sujeito realizado:

(3) «Ao João, ela deu um livro.»

(4) «Ao João, ela deu-lhe um livro.»

(5) «Ao João, deu-lhe um livro.»

3. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-virgula-depois-de-complementos-diretos-e-indiretos/35204>. Acesso em 5/05/2021.

Note-se, porém, que, estando o sujeito subentendido e não havendo retomada do complemento indireto por um pronome pessoal átono, considera-se que a vírgula é facultativa:

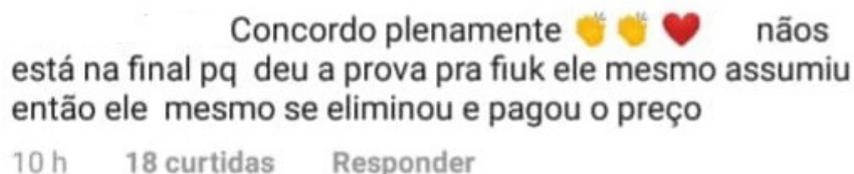
(6) «Ao João, deu um livro.»/ «Ao João deu um livro.»

Estendendo essa noção para objetos do verbo que ocorrem como orações subordinadas, a unidade de informação pode conter a unidade gramatical e pode estar associada à unidade prosódica. Assim, Decat (2011; 2014) se vale do conceito de unidade informacional para analisar as orações desgarradas a fim de refletir sobre o estatuto da subordinação e de descrever as características das construções, seu uso e funcionamento. A autora ressalta (DECAT, 2014, p. 124):

a validade e eficácia de um estudo da subordinação que leve em conta a noção de unidade informacional para a determinação do estatuto dependente, ou encaixado, de certos tipos de orações subordinadas que se comportam como satélites subsidiários, numa relação núcleo-satélite, de informações contidas nas orações com as quais elas se relacionam.

Para Decat (2014, p. 127-128), “uma diferenciação entre encaixamento e hipotaxe pode ser melhor entendida a partir da noção de “unidade informacional” (Idea unit), postulada por Chafe (1980; 1985). Trata-se de “jatos de linguagem” que podem ser identificados pela entonação (contorno entoacional de final de oração), pela pausa (ou hesitação), mesmo breve, que separa as unidades entre si. Tais unidades, ou jatos, tendem também a se caracterizar sintaticamente como constituindo uma única oração, mas não necessariamente”. A pesquisa mostrada neste artigo fica adstrita aos limites da sentença de modo que não abrange o processo de ‘desgarramento’ como um todo.

Voltando a atenção para a relação prosódia-escrita, os comentários em redes sociais como facebook, instagram, entre outras mídias digitais, tornam evidentes que a ausência de pontuação deve necessariamente ser convalidada com preenchimento de pausa para que a interpretação seja minimamente satisfatória. Vejamos um exemplo:



Fonte: (Arquivo pessoal)

A postagem foi registrada sem qualquer sinal gráfico de pontuação. Há apenas um conjunto de três emoticons após ‘Concordo plenamente’, isolando uma unidade informacional plena constituída de verbo e advérbio. Em seguida, há um encadeamento de três enunciados, assim recortados:

- a) Não[s] está na final pq deu a prova pra fiuk (...)
- b) Ele mesmo assumiu (...)
- c) Então ele mesmo se eliminou (...)
- d) Pagou o preço (...)

Qualquer leitor, considerado letrado, entenderia o comentário postado na rede social em conformidade com a proposta de leitura (a-d). O que faz os leitores tomarem a mesma decisão de segmentação registrada pelo utente se o comentário não apresenta nenhum sinal gráfico de pontuação que indique visualmente tal separação? A resposta às indagações refere ao conhecimento prosódico e informacional das unidades linguísticas que todos compartilhamos quando adquirimos a língua. É interessante que a partícula ‘então’ intuitivamente é interpretada como pertencendo à unidade informacional (c) em vez de (b), haja vista que ela introduz uma conclusão de (b).

Os sinais de pontuação, no nível sintático abordado neste estudo, correspondem assim ao conhecimento prosódico do falante, dado que é ele quem orienta as segmentações e permite interpretação coerente da mensagem. A vírgula, ou mesmo o emprego de um ponto-final entre os enunciados, pode ser o espelho do conhecimento prosódico subjacente dos escreventes. Na escola, o ensino dos sinais de pontuação segue, via de regra, critérios como a escolarização do aprendiz, como se os sinais gráficos não tivessem qualquer relação com a fala/prosódia. As atividades do emprego da vírgula, por exemplo, quase sempre se concentram em exercícios de deslocamento de constituintes adverbiais de sua posição canônica no final de frases, isolamento de vocativos e apostos em orações subordinadas explicativas e enumerações sem qualquer correlação com o discurso falado.

Embora haja compêndios gramaticais sobre o ensino da vírgula que assinalam os efeitos prosódicos que motivam seu emprego, tal correlação segue à margem do ensino. Abreu (2003, p. 248), sobre o ensino da vírgula, explica que:

(...) quando falamos, juntamos as palavras em unidades ou blocos fonéticos chamados grupos entoacionais ou prosódicos. (...) as vírgulas são, portanto, recursos gráficos utilizados para assinalar, na escrita, as quebras de ligação entoacional marcadas pela sintaxe e que promovem o ‘empacotamento das frases de um texto em blocos prosódicos. Estudar o emprego da vírgula é, portanto, aprender a assinalar, na escrita, as quebras de ligação entoacional originadas na sintaxe das frases. Essas quebras não são feitas de maneira aleatória

É evidente a importância dos aspectos prosódicos para a compreensão do emprego de sinais de pontuação. No ensino, normalmente, parte-se do formal, de regras de colocação da vírgula em vez do conhecimento linguístico internalizado do falante sobre os padrões prosódicos, empregados para interpretar mensagens diversas em redes sociais sem qualquer sinal visual de empacotamento das unidades informacionais. A prosódia é imprescindível para o emprego de sinais gráficos com efeitos discursivos particulares, que promovam a proficiência dos aprendizes quanto a uma escrita que possa atender às intenções comunicativas. Um feirante que produza entonações diferentes para

o enunciado dirigido a uma consumidora que circula pela feira, produz efeitos discursivos também diferentes, capturados pela escrita pela presença ou ausência do sinal gráfico da vírgula:

- a) Olha a goiaba, gostosa!
- b) Olha a goiaba gostosa!

Por outro lado, em uma situação em que a namorada teria esquecido do aniversário de seu companheiro e entregue o presente no dia seguinte, o tempo da ação da namorada poderia receber enfoque sem que necessariamente tenha havido deslocamento da informação adverbial de sua posição canônica:

- c) Joana entregou o presente para o namorado, ontem!

Nesse caso, o advérbio ‘ontem’ permanece em sua posição “canônica”, porém recebeu foco pelo emprego da vírgula, porque a intenção do informante é assinalar que o presente foi entregue tardiamente, após o dia do aniversário de seu namorado. Destaque-se ainda o trecho:

O ponto-final é outro recurso importante na segmentação de unidades informacionais ou prosódicas. Porém, no ensino, insiste-se, em geral, a redução de seu emprego como recurso que sinaliza o fim de período ou para indicação de uma declaração: o ponto-final indica abaixamento da voz, produzindo uma curva sonora descendente em direção ao grave para passar ao interlocutor que a frase é declarativa (ABREU, 2003, p. 45).

De fato, distinguir o tom de voz é crucial para contrastar atos de fala como perguntar, exclamar, pedir, declarar. Mas os sinais de pontuação que espelham tom de voz não exercem apenas essa função. Eles operam também nas fronteiras prosódicas das unidades informacionais, tanto que é possível se separar pergunta de resposta declarativa ou afirmação de exclamação, sem que os sinais ocorram graficamente em uma mensagem:

**Aumentou seu próprio salário durante
a pandemia mandou fechar o comércio destruiu milhares
de empregos deixou Famintos desempregados Que Deus
tenha misericórdia dele**
20 h 99 curtidas Responder

Fonte: Arquivo pessoal

Nesse comentário postado em rede digital, os enunciados podem ser interpretados a partir dos seguintes “recortes” construcionais:

- 1) aumentou seu próprio salário durante a pandemia
- 2) mandou fechar o comércio

- 3) destruiu milhares de empregos
- 4) deixou Famintos desempregados
- 5) Que Deus tenha misericórdia dele

Os enunciados (1-4) são todos coordenados e declarativos, mas o que dizer do enunciado (5)? Tem ele a mesma força ilocutória dos demais? Qualquer leitor identificaria que (5) possui força expressiva desigual aos que o antecedem. Primeiro, porque retoma um conjunto de coordenações de atos reprovados pelo enunciador e expressa uma exclamação de pesar a esses atos. Não é o sinal de exclamação que decide o ato ilocutório, pois ele apenas sinaliza o efeito discursivo já produzido pela atividade comunicativa. Ainda sobre o ponto-final, acrescente-se que a prescrição estabelece que, após o sinal, deve-se empregar letra maiúscula. Em sites da internet, sobre o emprego de maiúsculas, encontra-se:

Maiúscula inicial, como sabemos, é para depois de ponto (final, de exclamação ou de interrogação). Depois de ponto e vírgula o que cabe é minúscula, mesmo quando há mudança de linha.⁴

Partir de definições, de formalizações e de regras acarreta colocar a atividade comunicativa em segundo plano. Um aprendiz, a partir da definição aqui transcrita e diante da tarefa de pontuar a mensagem (1-5), certamente tomaria a decisão de colocar um ponto-final antes de Famintos. Essa palavra foi escrita em letra maiúscula não porque inicia um novo enunciado, mas por receber foco discursivo da situação das pessoas desempregadas. A formalização leva a criança a operar de forma alheia com o discurso e seus efeitos. É a atividade comunicativa, com seus padrões prosódicos e efeitos da prática de comunicação, que deve guiar o saber sobre a pontuação textual. Assim, as mensagens das redes sociais, a nosso ver, mostram-se um corpus significativo para o ensino da pontuação a partir da relação do contínuo fala-escrita.

A seguir, traçamos os procedimentos metodológicos empregados na análise de um conjunto de dados de escrita e de fala de jovens em idade escolar como forma de comprovar que a prosódia é muito mais convergente no contínuo fala-escrita do que se imagina a priori. As hesitações, truncamentos, refações, correções, dentre outros eventos do texto oral, no interior de constituintes no discurso falado, não são menos pontuais nem menos produtivos em relação às fronteiras de unidades informacionais plenas. No entanto, podem proporcionar “quebras” no fluxo discursivo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a análise variacionista, consideramos como variável dependente a presença de pausa silenciosa e sua ausência. No correlato na escrita, levamos em conta, registros sem vírgula entre verbo-objeto direto e registros com vírgula (ou outro ponto que indica pausa, como o ponto-final)

4. *Língua Brasil - Instituto Euclides da Cunha* (linguabrasil.com.br). Acesso em: 05/05/2021.

no intervalo sintático considerado. Tal decisão tomou como base o estudo de Mollica (1984a), em que a variável dependente analisada é constituída de presença versus ausência de pausa entre SN1/V⁵. Em alinhamento à atual fase de pesquisa, optou-se pelos parâmetros descritos em Mollica & Quental (1984b) em que, na escrita, examinaram-se as variantes presença de vírgula versus ausência de vírgula entre SN1/SV.

Recorremos, para a fala, ao corpus de interação espontânea do C-oral Brasil, amostra referente a falantes na faixa etária inferior a 18 anos, em conversas públicas e privadas. Para escrita, utilizamos o conjunto de produções textuais de jovens em fase escolar do 6º ao 8º ano sobre temas atuais (bullying, jogos eletrônicos e valorização da atividade docente) extraído da plataforma amostra Sabere. Nesse caso, são produções textuais de alunos do ensino fundamental cadastrados na plataforma, por solicitação do professor, para fins de desenvolvimento de lectoescrita e de consciência metalinguística.

As interações de fala contêm 20480 tokens e 2128 types e o corpus de escrita um total de 10469 tokens e 2171types. Os dados foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2004), que analisa a correlação das consideradas do ponto de vista quantitativo.

O modelo estatístico de análise multivariada foi proposto com a finalidade de auxiliar estudos de variação linguística (LABOV, 1969). O programa permite que o pesquisador investigue o efeito de variáveis independentes em relação à emergência das variantes sob foco. A ferramenta estatística estima o impacto de fatores linguísticos e ou sociais sobre o fenômeno linguístico em variação; aponta qual variável é mais significativa ou menos significativa por meio de cálculos frequenciais e probabilísticos.

Ambos os corpora foram coletados com base nos seguintes critérios:

- a) Sentença transitiva direta, conforme classificação das gramáticas tradicionais;
- b) Sintagmas nominais de base nominal com função de objeto direto.
- c) Verbo no presente e no passado perfeito e imperfeito;
- d) Verbo na primeira pessoa do singular, terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural.

É importante ressaltar e explicar que o intervalo V/SN2⁶, ou seja, fronteira entre o verbo e o argumento interno, possui maior aderência/dependência sintática entre os termos que na da relação SN1/V, entre verbo e argumento externo/sujeito, já estudado durante mais de duas décadas, conforme se lê em trabalhos reunidos em Mollica (2021). À época, era mesmo de se esperar a função tópica da pausa na fala e da vírgula na escrita entre SN1/SV se revelasse como uma das variáveis mais relevantes, uma vez que o efeito de topicalização prende-se à intenção de imprimir ênfase e destaque aos referentes de SN sujeito, por exemplo.

O SN como argumento interno estabelece, em contrapartida, maior dependência do verbo.

5. SN1 – Constituinte nominal com função de sujeito; V – Verbo. SN1/V – Fronteira entre sujeito e verbo.

6. V – Verbo; SN2 – Constituinte nominal com função de objeto. V/SN2 – Fronteira entre verbo e objeto.

Ao ocupar o locus sintático da informação nova à direita do verbo, sua natureza de referente não evocado por si só já é ressaltada no discurso. Parte-se naturalmente das premissas a e b:

- a) É forte a tendência de não se indicar qualquer marca prosódica na escrita nas fronteiras V/SN2, verbo-objeto, ainda mais que são pouco marcadas na fala.
- b) Os parâmetros prosódicos de fala e as marcas de escrita estão presentes com SN2se destacado por condições especiais como sintagmas adjetivais, circunstanciais, por exemplo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela (1) exhibe os índices de ocorrência e de ausência de pausa interna ao constituinte formado por VO (V/SN2), correlacionado aos fatores ‘fala’ versus ‘escrita’.

Tabela 1: Frequência de pausa e não pausa em contextos de fala e escrita

Variáveis	Não pausa		Pausa		P. Rel %	Total
	%	N	%	N		
Fala	86,9%	119	13,1%	18	55.5	137
Escrita	99,1%	109	0,9%	1	44.5	110
Total	92,3%	228	7,7%	19		247

Confirmada a hipótese postulada, de fato, é a ausência de pausa a variante predominante na fala, assim como prevalente a falta de registros de escrita para indicar eventos de silêncio. Justamente na fala espontânea operam mais, com maior frequência, os recursos linguísticos de planejamento online no fluxo conversacional. Tais mecanismos favorecem interrupções em lócus sintático não previsto pela tradição gramatical, ou mesmo pelos padrões prosódicos de melodia e ritmo que enunciam unidades informacionais. Isso explica a maior ocorrência de pausas no interior de constituintes no discurso oral para, a serviço de planejamento cognitivo, marcar efeitos prosódicos característicos do discurso oral, como hesitação, refações.

Distante do consenso segundo o qual a fala se apresenta caótica e aleatória quanto à ocorrência de pausas, os dados revelam convergência, regularidade e sistematicidade entre fala e escrita. Desse modo, os padrões prosódicos se mostram importantes para servir de parâmetro ao ensino de registros de pausa na escrita, tanto para organizar o texto, como para imprimir distintividade estilística.

Os dados de escrita, como os observados em (6), (7) e (8), em comparação com os de fala, formam um contínuo fala-escrita fortemente convergente:

- (4) perderam o registro dele // (C-Oral Brasil: amostra under 18 anos)
- (5) parou o seu carro atrás dum carro prata // (C-Oral Brasil: amostra under 18 anos)
- (6) tenha uma boa vida e uma boa família (Amostra sabere)

Em (4) e (5), observa-se o registro de fala sem a presença de pausa em fronteiras sintagmáticas: verbo e objeto são pronunciados sem interrupções no fluxo da fala. Também é possível encontrar semelhança em dados de escrita, como em (6), em que verbo e complemento marcam prosodicamente a continuidade sintática.

Os casos de pausa no interior dos constituintes são observadas em (7), (8) e (9):

(7) conheceu / a secretária do Ítalo / né / yyyy // (C-Oral Brasil: amostra under 18 anos)

(8) tivesse um / negócio mais fininho / ficava melhor // (C-Oral Brasil: amostra under 18 anos)

(9) resolveu. o bullying pode ser evitado contando a (Amostra Sabere)

Nos exemplos (7) e (8), dados de fala, verifica-se ruptura de continuidade da sentença entre verbo e objeto em decorrência de presença da pausa para planejamento/seleção da informação a ser introduzida como objeto. Em (9), o ponto-final introduzido após o verbo se justificaria por uma ruptura imprevisível, muito provavelmente por erro de digitação do texto. Com efeito, as interrupções internas aos constituintes sintáticos ocorrem na oralidade e, na escrita, apresentam-se sob condições específicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, focalizamos a análise da presença ou ausência de pausa entre verbo-objeto na posição canônica, depois do SN sujeito, na modalidade falada da língua. Paralelamente, verificamos, na escrita, os índices de registros, por meio da vírgula, dos eventos de silêncio no intervalo V/SN2. Interessante teria sido também investigar, separadamente, os eventos variáveis de silêncio em constituintes antes e depois de V, no interior da sentença, em quadro comparativo. Em fase posterior de pesquisa, o maior número de variáveis independentes sob controle, como ‘tempo verbal’, ‘voz ativa/passiva’, poderá fornecer subsídios para se estimar a pertinência da hipótese segundo a qual há relação entre ocorrências de pausa e planos discursivos em que a informação se situa.

Nesta etapa, no entanto, a análise se restringiu ao locus sintático específico verbo-objeto. Em se tratando de fronteira sintagmática entre elementos fortemente coesos gramaticalmente, a ocorrência de fenômenos típicos da oralidade se deve sobremaneira por razões de planejamento cognitivo discutido no trabalho.

Outro caráter relevante a destacar nesta fase é a comparação dos corpora, cujos dados são de informantes jovens, menores de 18 anos. Os falantes dessa faixa etária apresentam repertório linguístico restrito e encontram-se ainda em fase de letramento escolar de nível básico. De modo geral, esses sujeitos exibem construções com pouco monitoramento estilístico, nos termos de Bortoni-Ricardo (2004), haja vista o baixo nível de ocorrência, por exemplo, de orações complexas e de sintagmas nominais com função de objeto direto com características semelhantes a frases feitas. Sem dúvida, a pesquisa empreendida suscita estudos futuros sob a perspectiva prosódia-

pontuação, com vasta amplitude para fenômenos ainda não investigados.

De acordo com as hipóteses aventadas, com os dados investigados e com os resultados alcançados, pode-se asseverar que o sistema de escrita nem sempre toma como paradigma os parâmetros da oralidade, embora haja evidente correspondência entre aspectos prosódicos e a pontuação de textos escritos. Nos termos de Bernardes (2002, p. 143):

A pontuação tão naturalmente associada à “domesticação” dos efeitos provocados pelos encadeamentos linguísticos está longe de ser um Leito de Procusto: ao invés de encaixar a linguagem e seus efeitos num molde, a pontuação mostra a potencialidade de significação da linguagem, ou seja, ela não produz a leitura verdadeira, da forma como pretendiam aqueles que se valeram dos avanços da imprensa para legitimar seu poder; a pontuação produz urna leitura, dentre outras que seriam possíveis a partir da marcação de outras segmentações.

As propostas e diretrizes voltadas para o ensino da língua precisam, em definitivo, atentar para o trabalho sobre o contínuo fala-escrita, de forma a explicitar os mecanismos linguísticos utilizados no processamento do discurso oral espontâneo ou planejado, que levem em conta os padrões melódicos e rítmicos. Afinal, não pode o aprendiz deixar de refletir sobre a relação pontuação-prosódia no planejamento e organização das entidades discursivas nos textos que leem e escrevem.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- BARBOSA, Plínio A. *Prosódia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BERNARDES, Ana Cristina de Aguiar. *Pontuando alguns intervalos da pontuação*. Campinas, SP: [s.n.], 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- CHAFE, Wallace L. *Language and consciousness*. Language, 1974.
- _____. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

_____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (Ed.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 105-123.

_____. *What good is punctuation?* Berkeley, CA: University of California; Pittsburgh, PA: Carnegie Mellon University, 1987. 6 p.

_____. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

DECAT, M. B. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

_____. Orações relativas apositivas ‘desgarradas’ no português em uso. In: BISPO, Edvaldo Balduino; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (orgs). *Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p.157-189.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. (2001) *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez. 133p.

_____. Fenômenos intrínsecos da oralidade: a hesitação. In: JUBRAN, C.C.A.S. (Org.) *Gramática do português falado - construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019: 49-68.

LABOV, W. 1969. *Contraction, deletion and inherent variability of the English copula*. *Language*, 45: 715-62.

MOLLICA, M. C. Alguns fatores da pausa entre sujeito e verbo. *Boletim da ABRALIM*, nº 6, SP, 1984a.

_____. *Seleção de escritos sobre pausa*. São Paulo: Editora Pontes, 2021.

MOLLICA, Maria Cecília; QUENTAL, Violeta. A vírgula como reflexo da pausa e da entonação entre sujeito e verbo. *Comunicação – IV Encontro Nacional de Linguística da PUC/RJ*, 1984b.

O’CONNELL, D. C. & KOWAL, S.: Pausology. In W. A. Sedelow & S. Y. Sedelow. *Computers in Language Research 2*. Mouton Publishers, Berlin, New York, Amsterdam (1983) 221-301.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

Maria Cecília Mollica

Titular em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do CNPq com pós-doutorado na UnB. Atua no PPGL/UFRJ e no PROFLETRAS. Vem formando mestres e doutores alguns dos quais atualmente Titulares em diversas IFEs. Foi Diretora da Faculdade de Letras da UFRJ e Presidente da ABRALIN. Tem publicado, no país e no exterior, artigos

em anais, em periódicos científicos, em capítulos de livros. É organizadora de compêndios e autora de obras na área das linguagens. Transita em fronteiras do conhecimento que envolvem a Faculdade da Linguagem Humana, Linguagens artificiais, Saúde e Educação. Além de pesquisa básica, desenvolve pesquisa aplicada no campo da Linguística Educacional, Tecnologia e Inovação. E-mail: ceciliamollica@terra.com.br

Hadinei Batista

Professor da Universidade Estadual de Minas Gerais. Pós-doutorado em Linguagem e Cognição pela Universidade de São Paulo (USP/2018). Doutor em Tecnologia e Inovação em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018). Possui mestrado em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013), graduação em Português - Licenciatura (2008) e Bacharelado em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009). É membro do projeto PHPB/equipe Minas. Atuou como pesquisador visitante em Lancaster University-UK, onde desenvolveu pesquisa sobre construção de cybercorpora, educação e identidade social. Tem interesse em Sociolinguística, Linguística de Corpus, Identidade Social, Tecnologia Educacional, Linguagem, Inovação e Tecnologia e em processamento cognitivo da linguagem: recepção e produção. E-mail: hadinei@gmail.com

Dailane Avelar

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2015). Realizou Mestrado Sanduíche em Fonética e Fonologia na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2013). Possui Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2012). Faz parte do Grupo de Pesquisa Migração, Redes Sociais, Acomodação, Variação e Mudança Linguística, sob a orientação da professora Maria Cecília Mollica. Tem experiência no Ensino Médio, Técnico e Superior. Tem interesse na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Fonética e Fonologia. E-mail: dailaneavelar@gmail.com

Recebido em 10/02/2021.

Aceito em 10/03/2021.